



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de sanção da Lei de Modernização do Futebol e do Estatuto de Defesa do Torcedor

Palácio do Planalto, 15 de maio de 2003

Meu caro companheiro João Paulo Cunha, presidente da Câmara dos Deputados,

Meu caro companheiro Agnelo Queiroz, ministro de Estado do Esporte,

Meu caro companheiro Luiz Dulci, ministro de Estado chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República,

Meu companheiro Aldo Rebelo, líder do Governo na Câmara dos Deputados,

Senhores senadores e deputados, interessados em futebol e em esportes,

Na verdade, o que aconteceu quando a Câmara dos Deputados aprovou essa lei, instituiu a cidadania para os torcedores de futebol neste país, porque, embora a nossa Constituição seja muito clara e garanta que todos são iguais perante a lei, a verdade é que, em se tratando de campo de futebol, uns são tratados melhor do que outros, apesar da Constituição.

Eu acho, meu companheiro Agnelo, que o trabalho que você fez para tentar aperfeiçoar o que já existia em termos de propostas na Câmara dos Deputados demonstra que, aos poucos, vamos nos transformando, não apenas em uma sociedade mais democrática, mas em uma sociedade com instrumentos jurídicos mais civilizados.

Vamos ter o prazer, daqui para a frente, de nunca mais ouvir o Juca Kfourl falar que não há uma lei neste país que defenda o torcedor.

Obviamente, a idéia é também dar responsabilidade para o torcedor. É verdade que o time tem obrigação de garantir que, quando o torcedor se dirige a um campo de futebol, ele tenha todos os direitos, porque vai assistir a um espetáculo. É



como se, na Áustria, alguém fosse a um concerto. Apenas o público é um pouco maior. É como se fôssemos a um teatro, na Itália, ver um show do Pavarotti. É como se fôssemos a um teatro, em São Paulo, ver um show dos nossos grandes artistas. Você paga e tem que ter direitos. Os artistas, que são os atletas, têm que ter os seus direitos, porque, sem eles, poderíamos colocar todos os Presidentes dos clubes de futebol em campo que ninguém compraria um ingresso.

Portanto, os atletas são parte importante e a razão principal do espetáculo. E o segundo espetáculo é a torcida. Você tem, dentro das quatro linhas, a razão de ser do espetáculo e, na arquibancada, aqueles que são a razão de ser da existência do futebol no nosso país. Portanto, respeitar essas duas vertentes, que são fundamentais no esporte, no Brasil e no mundo, é o que foi feito com a aprovação dessas duas leis. E também se passa um pouco de responsabilidade para o torcedor. O Brasil será o país dos nossos sonhos, no dia em que todos nós tivermos consciência de que, para cada direito, haja a consciência de que tenho um dever. Ninguém, em sã consciência, vai ao estádio de futebol para brigar, a começar pelos jogadores, muito menos os torcedores, afinal de contas, todos terão que trabalhar no dia seguinte, então, não há por que haver briga.

Como nós estamos ficando uma sociedade, eu diria, meio nervosa, e cada vez mais individualizada, e isso é um problema que a sociedade vai ter que resolver. Eu acho que essas leis podem começar um processo de moralização, com o qual muitos que estão presentes aqui sonharam a vida inteira. Um cidadão que vai a um estádio tem o direito de ter sanitários limpos, de ter acesso a um bebedouro, de ter acesso a um posto de atendimento médico, com médico e ambulância para levá-lo, em caso emergencial. Porque é isso que se garante a um pai, a uma mãe, colocar os seus filhos pequenos nos braços e ir para o estádio de futebol.

Palmeirense não vai, hoje em dia, a um estádio de futebol, mesmo que ele ofereça um jogo melhor... Mas, de qualquer forma, Aldo, eu acho que a vida é assim, a vida é dura, e nós precisamos nos conformar porque o meu Corinthians, também, ontem, deu um vexame.



Agnelo, meu caro João Paulo, Dulci, eu acho que nós estamos vivendo um novo tempo no nosso país. Acho que, inclusive, o fato de fazer com que o clube de futebol que forma um jogador tenha uma indenização é uma coisa importante, porque nós, torcedores, quando assistimos o nosso time lançar um jogador novo e, no dia seguinte, por causa de uma bela jogada que ele fez, ele já vai embora e nos deixa, saudosos, imaginando se ele seria uma das figuras legendárias do país, um Nilton Santos, um Pelé, um Garrincha. Mas a gente não tem chance de ver.

Eu acho que é importante, porque o futebol é para nós, brasileiros, parte da nossa vida. Ontem, por exemplo, nós fomos assistir a um filme, lá no cinema do Alvorada, com Osmar Prado, chamado “Desmundo”. E na mesa, depois do filme ninguém se olhava; todo mundo olhava a televisão, para ver o jogo. Lamentavelmente, aqui, em Brasília, só passa jogo do Flamengo, não passa do Corinthians.

Mas eu quero dar os parabéns, especialmente àqueles que, não sendo deputados, jogadores de futebol, ou torcedores, brigaram tanto. Eu acho, meu companheiro Juca Kfoury, que você e outros homens de televisão, pessoas ligadas ao esporte — que brigaram tanto tempo, e arrumaram tantas inimizades, umas gratuitas, outras nem tanto, mas de qualquer forma arrumaram, falando muitas vezes aquilo que pouca gente tem coragem de falar —, na verdade, são os maiores merecedores da aprovação dessa lei.

Agora, é importante ter em conta que no Brasil há lei que “pega” e lei que “não pega”. Para ela “pegar”, é preciso que as pessoas responsáveis deste país comecem a falar e a alertar, sempre que possível, sobre essa lei. Que os homens que falam de futebol, que transmitem futebol, não deixem nunca de, ao mesmo tempo em que estão exercendo a sua função, trabalhando e cobrindo o futebol, ajudar para que o povo seja respeitado na sua plenitude de cidadania.

Meus parabéns ao João Paulo, ao Agnelo e a todos vocês, que trabalharam tanto para que essas leis fossem aprovadas.

/lrj/vpm